

Texto: Saulo Dourado
Ilustrações: Bruno Aziz

O QUE
NÃO
SE
FAZ
EM
Kenhãkiñã

SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE
CULTURA

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO



Coleção **PACTOS** de Leituras

Texto: Saulo Dourado

Ilustrações: Bruno Aziz

O QUE NÃO SE FAZIA em KENAKINA



SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE
CULTURA

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO

**EDUCAR PARA
TRANSFORMAR**
UM PACTO PELA EDUCAÇÃO

Salvador, BA - 2015

Copyright © 2015 by Saulo Dourado
Ilustrador: Bruno Aziz

Governador da Bahia
Rui Costa

Secretário da Educação
Osvaldo Barreto

Secretário de Cultura
Jorge Portugal

Subsecretário da Educação
Aderbal de Castro Meira Filho

Chefe de Gabinete
Wilton Teixeira Cunha

*Coordenadora Geral da Coordenação
de Apoio à Educação Municipal*
Nadja Maria Amado de Jesus

*Coordenador Técnico da Coordenação
de Apoio à Educação Municipal*
Carlos Vagner da Silva Matos

Assessora de Comunicação
Shirley de Souza Pinheiro

Ouvidor
José Francisco Barretto Neto

Comissão Executiva
Carlos Vagner da Silva Matos
Claudia Antônia Oliveira Moraes
Cristiane Mary Vasconcelos
Daiane Morbeck Bomfim
Elisa Bastos Araújo
Nadja Maria Amado de Jesus

Comissão Editorial
Carla de Quadros
Jorge de Souza Araújo
Milena Britto de Queiroz
Mônica Menezes Santos

Catálogo
Elma do Nascimento Monteiro – CRB5/1018

Consultoria técnica (Design Editorial)
Daniel Dias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP,) Brasil

D739q

Dourado, Saulo Matias.

O que não se fala em kenakina / Saulo Matias Dourado; ilustrado por Bruno Aziz . - Salvador: Secretaria da Educação, Secretaria de Cultura, 2014.

20p.; il. (Coleção Pactos de Leituras)

ISBN: 978-85-64531-13-0

ISBN da Coleção: 978-85-64531-03-01

1. Leitura. 2. Literatura Infantil. I. Aziz, Bruno. II. Título. III. Série

CDU: 821(81) (0.053.3)

SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE
CULTURA

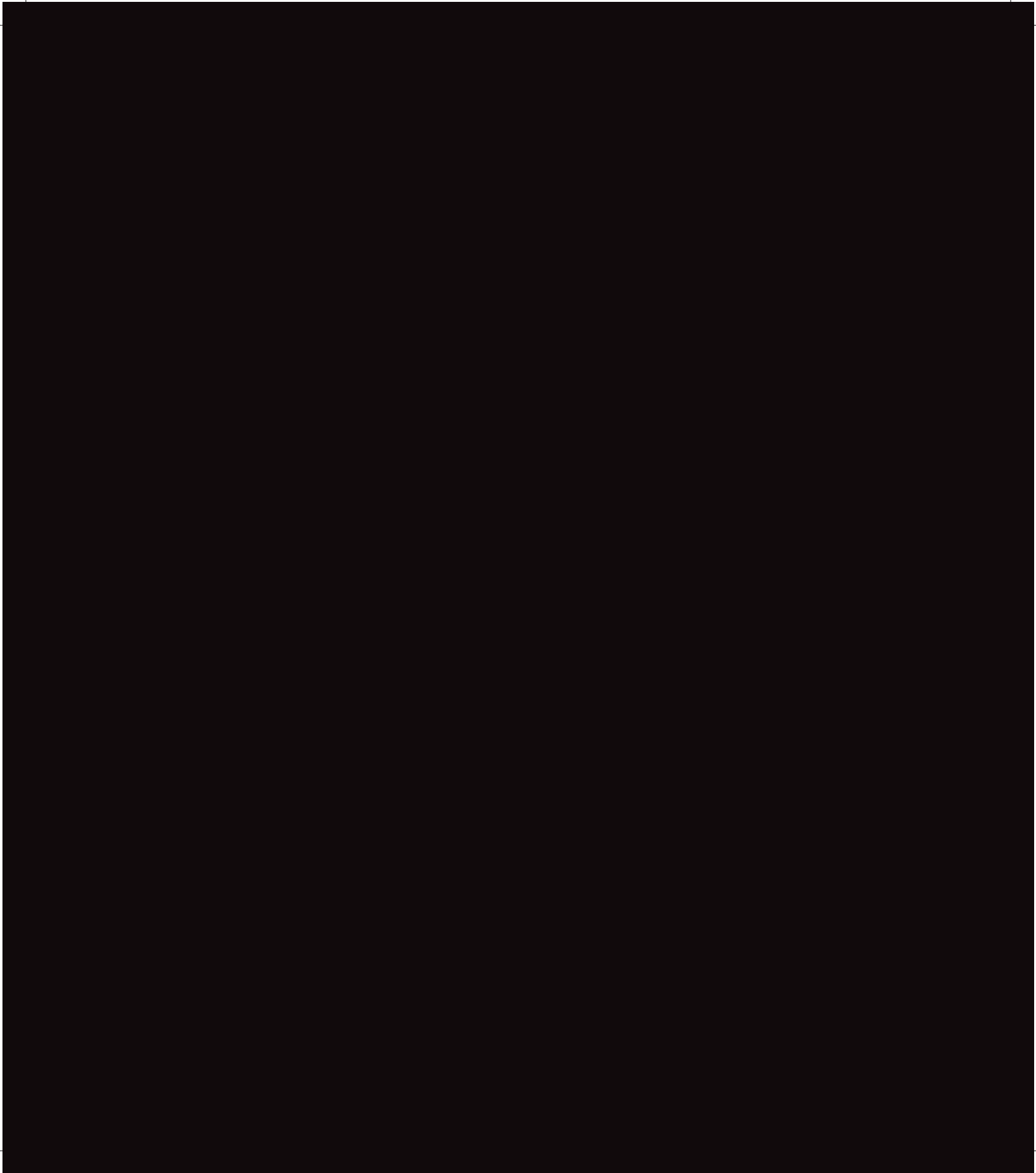
BAHIA
GOVERNO DO ESTADO


Distribuição

Secretaria da Educação do Estado da Bahia
5ª Avenida, Nº 550, Centro administrativo
da Bahia – CAB, Salvador, CEP: 41.745-004,
Bahia, Brasil. www.educacao.ba.gov.br

Secretaria de Cultura do Estado da Bahia
Palácio Rio Branco, Praça Thomé de Souza,
s/n – Centro Salvador, CEP: 40.020-010,
Bahia, Brasil. www.cultura.ba.gov.br







Um ET no meu Quintal

Quando finalmente me sentei ao lado da menina mais bonita da escola, não soube o que dizer. Eu queria uma frase inteligente, mas o que me veio foi: "Um disco voador pousou no meu quintal".

Ela não segurou a minha mão, nem beijou o meu rosto, como um dia eu sonhei, mas tomou um grande susto. Tratou de contar o caso do disco voador para a melhor amiga, que contou para outra, e essa para outro, e esse para a mãe, uma jornalista de revista escandalosa.



No dia seguinte, estava em manchete na primeira página a tal visita que me fez o ET com seu disco. Foi um caos! Pessoas abandonaram a cidade com medo de uma invasão alienígena, outras passaram a morar no porão, e alguns riam de minha cara quando eu passava.

Mas só um se irritou realmente, e foi lá em casa esclarecer a situação. Ele segurava a revista com muita raiva, quando eu abri a porta.

— Isto é uma calúnia! — gritou ele — Nunca mais ponha meu nome em suas mentiras, rapazinho! O ET então me deu as costas e caminhou para o disco voador, pousado no meu quintal.

A Feira do Silêncio

Na minha cidade, todo ano acontece a Feira do Silêncio. Os moradores armam as barracas, e vendem e compram todo tipo de coisa, só não podem falar — psiu!... — Qualquer palavra.

Para pedir um quilo de carne ao vendedor, é preciso morder o braço e levantar o dedo. Se o assunto é relógio, basta cutucar o pulso. Alguém imagina como deve ser para comprar um tênis tamanho 34? E uma lanterna? Ou um chaveiro? Alguns mais sabidos usam a língua dos sinais, aquela com que os deficientes auditivos se comunicam.





O plano é atingir o maior número de horas em silêncio, para bater o recorde de todas as Feiras. E nesse ano, quando só faltavam dez minutos para o recorde dos recordes, o maior silêncio da história, Luizinho chega em uma barraca de suco e tenta pedir um de acerola.

Na mímica, ele pinça os dedos como se segurasse uma bolinha. O dono da barraca faz cara de entendido, mas volta com um suco de cajá.

Luizinho faz não com o dedo indicador e depois aponta o vermelho da camisa. O dono da barraca sorri, mas traz o quê? Um suco de morango!





O menino nega, já impaciente. Pega uma bola de gude no bolso, aponta para ela e depois para a camisa. O dono da barraca abre os braços e bate em seus ombros, compreensivo. Quando volta, está com um copo até o topo cheio de... suco de jabuticaba.

Luizinho balança a cabeça já suspirando e aponta de novo para o vermelho. Aponta várias vezes, com muita força. O dono da barraca pisca o olho e volta assobiando com um copo de... suco de melancia!

— Ô, moço, o senhor já se esqueceu que a fruta é do tamanho de uma bolinha?! — grita o menino furioso, um minuto antes do recorde do silêncio. Mas furiosa mesma é a multidão que corre agora atrás de Luizinho!

A conversa das FORMIGAS



As formigas trabalham durante o dia inteiro. Elas estão sempre atrás de comida, um grãozinho de açúcar que seja, para armazenar em suas casas. O caso é que estes pequenos insetos também têm outro gosto: o de conversar. Ou você nunca reparou que uma formiga sempre toca as anteninhas da outra, quando se cruzam?

A dúvida é: como trabalhar todo o tempo e ainda assim pôr o papo em dia? Como as formigas não param, elas precisam falar tudo o que podem naquele instante da anteninha colada na outra. Para isso, inventaram duas maneiras.

Uma é chegar e conversar tudo de vez, bem rápido. Por exemplo, uma formiga chega e diz, sem respirar:

— Oi, como-vai? Eu-vou-muito-bem, a-família-também, vou-ganhar-mel-de-aniversário, meu-pai-vai-viajar-pro-Formigueiro-do-Norte, você-vai-pro-show-da-Cigarra amanhã? Tchau.

A segunda responde:

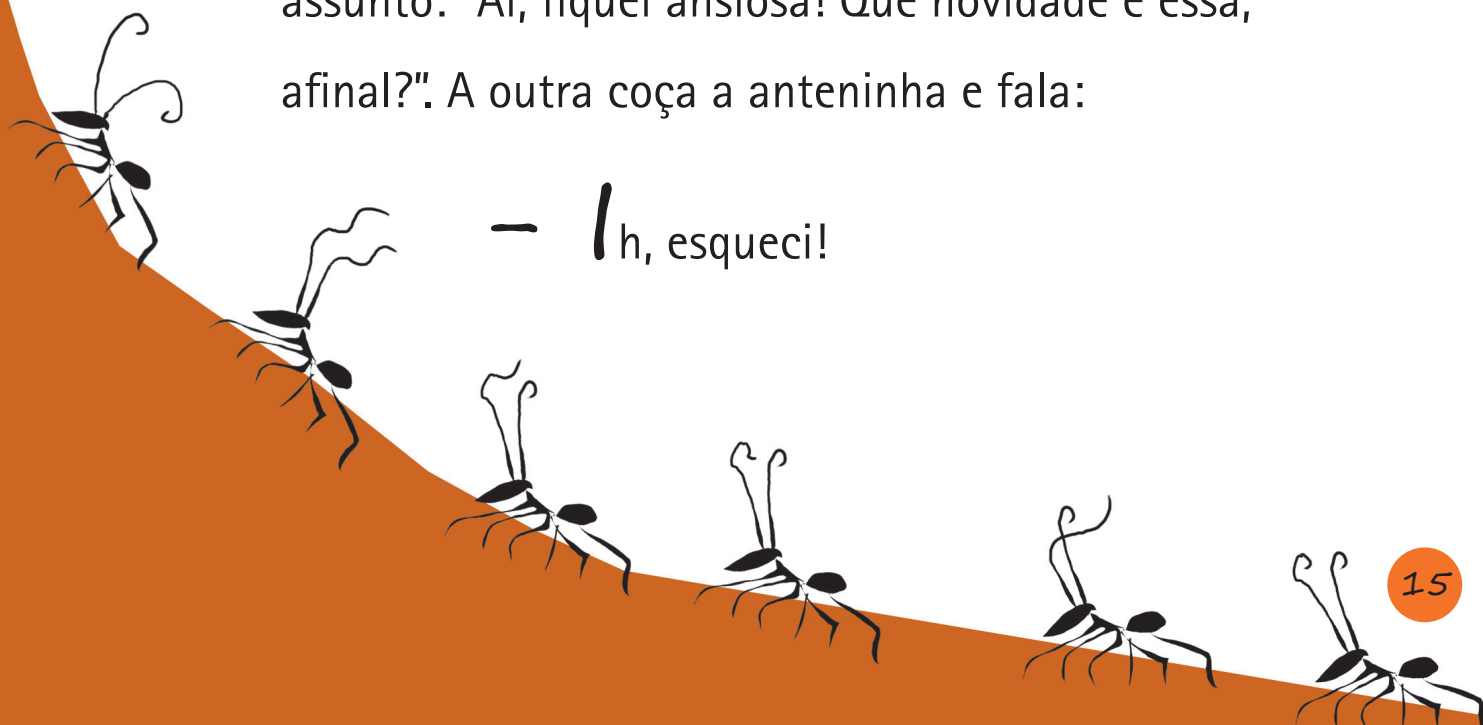
— Tudo-ótimo, minha-família-nem-tanto, a-vovó-tá-com-diabetes. Minha-namorada-me-deixou, estou-com-outra. Vou-pro-show-da-Cigarra, me-ache-lá. Atézinho!



A outra maneira é se conversar aos poucos, uma frase para cada vez que uma formiga encontra a mesma amiga. Por exemplo: "Oi, tudo bom?" "Tudo e você?"

Ao se reverem, três horas depois, em outra missão, retomam: "Vou bem, obrigada. E as novidades?". Ela diz: "Nem te conto!". Só na terceira topada, quase ao fim do dia, seguem o assunto: "Ai, fiquei ansiosa! Que novidade é essa, afinal?". A outra coça a anteninha e fala:

- Ah, esqueci!





O que não se fala em Kenakina






Em Kenakina, região muito longe daqui, há um povo que inventou palavra para tudo, ou quase tudo.

Uhgalia , por exemplo, significa nadar de costas rio acima. Se for rio abaixo, é uhgelio.

Para dizer que um garoto andou treze quilômetros, comeu vinte e duas frutas e viu um tigre de sabre na volta, basta falar yerioglanin.

Se você rodopiou atrás da árvore mais alta, enquanto sua mãe cozinhava batata doce, é bijinilinn. Ou se ouviu o uivo de um cão em junho e assobiou de volta, é wolferiolie.






Até mesmo cair de um penhasco ao meio-dia e ser salvo pelas costas de um dragão branco tem uma palavra só: vyo.

Para contar à amiga que passou as férias em uma barraca dentro de uma grande barraca dentro de uma barraca ainda maior, a trinta centímetros de um pinheiro, torto um pouco para a esquerda, em um frio de dez graus, e sem ninguém para lhe emprestar um cinto, é só dizer: eihixacabem.

Mas se um kenakinês olha o sorriso mais bonito do mundo no rosto de uma kenakinesa, aspira o perfume de seus cabelos, a luz dos seus olhos, também não conhece palavra para o que vem no peito, e sente medo e vontade, frio e calor, como em qualquer lugar.



Balanço no Céu



A garotinha passava entre duas montanhas, segurando as cordas de um balanço amarrado no céu. Ela não tinha medo de queda ou de avião, deixava só que os cabelos se movessem nas subidas e descidas. O sorriso dela só sumia quando toda ela se escondia em tufos grandes de nuvem.

Quando o sol lhe chegava de frente, ela fechava os olhos. Quando a companhia era a chuva, conversava com a chuva sobre chuva. Assobiava para pássaros, acenava para os balões. Cantava. E às vezes, tamanho era o impulso do vento, que o balanço subia contra a noite, lá alto no escuro, e retornava com um berro da garotinha, na empurrada manhã.

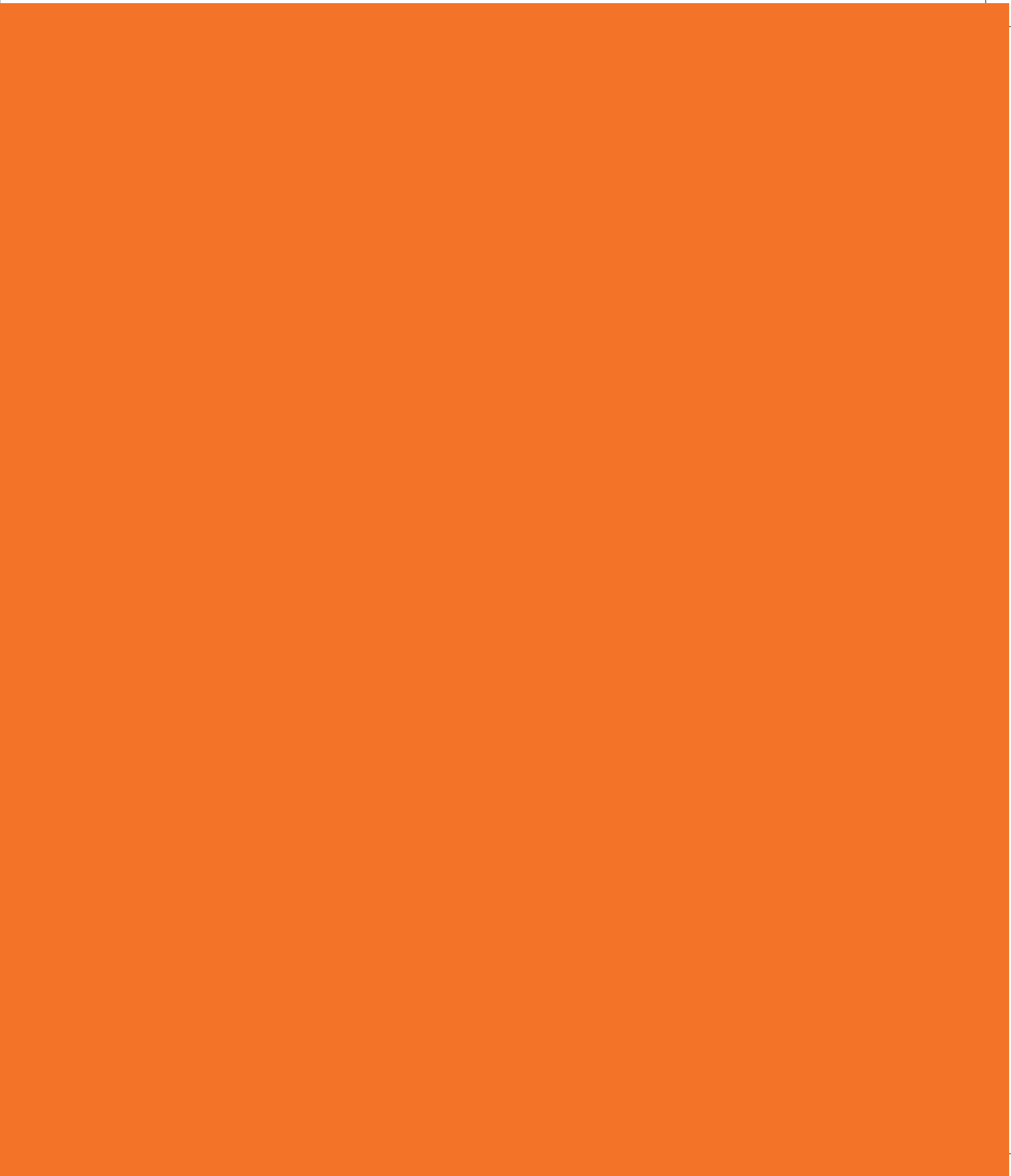


Autores

Saulo Dourado nasceu em 1989 no sertão e se mudou ainda criança para Salvador, sem esquecer o lugar mágico de origem. É o que ele tenta viver e fazer em seus textos, como também em suas aulas, quando atua como professor de filosofia para adolescentes e adultos. Venceu os prêmios literários Ferreira de Castro e o Correntes D'Escrita, ambos em Portugal e na categoria infanto-juvenil para contos, e assina uma coluna destinada a este público no suplemento A Tardinha, do Jornal A Tarde.

Bruno Aziz: 38 anos, cartunista e ilustrador baiano.

Coordenou, durante um ano, o Núcleo de Quadrinhos da Cipó Comunicações Interativa, ensinando produção de HQ para adolescentes. É ilustrador editorial do jornal A Tarde desde 2004, onde ilustra o suplemento infantil A Tardinha. Publica lá também as tirinhas Rock Sujo e Os Fabulosos Um Dois Três.





Coleção **PACTOS** de **Leituras**

A *Coleção Pactos de Leituras*, no âmbito da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, integra as ações do *Programa Estadual de Alfabetização na Idade Certa* e tem como objetivo ampliar as práticas de leitura e contação de histórias nas classes de alfabetização.

As obras literárias dessa coleção contribuem para garantia do direito à alfabetização até os oito anos de idade, meta prioritária do *PROGRAMA EDUCAR PARA TRANSFORMAR* – um Pacto pela Educação, e promove a divulgação da produção literária de autoria baiana.

ISBN: 978-85-64531-13-0



9 788564 531130